

# NOTÍCIAS DA FLORESTA

*Ecocídio e Genocídio  
em tempos de Pandemia*

**ANTONIO PAULO PAVONE**

**Editora Penalux**  
Guaratinguetá, 2021

# I

## *A borboleta na pata da onça morta*

A imagem da borboleta pousada na pata do cadáver da onça pintada, morta com 50 perfurações de chumbo, é a imagem lírica-macabra da morte do mundo. Pelo menos desse outrora imenso mundo escondido por uma densa cobertura vegetal, da qual agora sobram apenas alguns recortes, fragmentos verdes, sobreviventes das destruições em série. A onça executada covardemente nasceu e habitava num *continuum* desses fragmentos, na Serra de Paranapiacaba, um espinhaço divisor de águas protegido por reservas. O nome dela era Máscara e usava um radiocolar de monitoramento. O fato dos seus passos serem acompanhados por armadilhas fotográficas, pela equipe de consultores ambientais e biólogos do Parque, não foi suficiente para evitar a tragédia.

Era um exemplar adulto, de uns oito anos de idade, saudável e vigoroso. A provável sentença de morte de Máscara foi um pequeno acidente que ela deve ter sofrido durante as caçadas noturnas. Máscara estava mancando da pata esquerda. Quando isso acontece com um animal desse porte, que ocupa o topo da cadeia alimentar, a tendência é que a capacidade

de perseguir suas presas maiores, como catetos, queixadas e veados fique prejudicada. Ele passa então a buscar caça mais fácil, como galinhas e patos criados nas propriedades rurais do entorno da área protegida.

Foi provavelmente numa dessas escapadas que Máscara ficou exposta demais e foi massacrada com 50 tiros de chumbo.

Depois foi transportada até a beira da Rodovia e jogada na margem de um riacho. Restavam somente seis onças naquele complexo florestal. Agora são cinco e se faltar proteção logo não haverá mais nenhuma.

Não muito longe do lugar onde a onça Máscara foi encontrada, uma labareda de fogo lambia as árvores como uma língua descomunal. O imenso bosque de eucaliptos, vizinho ao Parque Estadual do Vale, muito ressecado pelo clima de inverno, fornecia combustível suficiente para uma queimada longa e arrasadora. Os homens já haviam desistido de controlar o fogaréu e apenas continuavam na dura rotina de tentar impedir que se propagasse para a área de mata nativa do Parque, na divisa da reserva com a fazenda de eucaliptos pertencente à Cia Papeleira & Siderúrgica.

Na região não existia um aparato suficiente para combater fogo na mata. Essa é a realidade na maioria dos municípios brasileiros e também em outras partes do mundo. Não existem muitos recursos aplicados nesse setor, muitas das brigadas de incêndio são compostas por brigadistas voluntários. O Estado não se preocupa em apagar fogo no mato.

O fogo no eucaliptal naquela região um tanto isolada era visto por muitos trabalhadores rurais como uma fatalidade.

Imagine então na Amazônia, Pantanal e outros biomas mais densos e distantes. É muito difícil encontrar e punir culpados. Principalmente porque as autoridades locais não têm interesse, nem estão aparelhadas para combater o crime ambiental.

Para o fogo começar a queimar na mata densa não é preciso muito: uma bituca de cigarro atirada a esmo por um idiota é o suficiente. Pode ser um rojão disparado em homenagem ao santo padroeiro ou uma fagulha qualquer, ao acaso.

Existe, ainda, a combustão natural, um relâmpago na palha seca tem quase o mesmo efeito, mas isso é mais raro de ocorrer. O mais comum é o incêndio criminoso mesmo. A queimada é uma técnica ancestral do homem para limpar e adubar o solo, muito apreciada por seu custo baixo. Os índios do grupo tupi, instalados na orla e no interior da mata por mais mil anos antes dos europeus chegarem já usavam esse expediente. Queimavam pequenos trechos da floresta para dar lugar ao plantio de mandioca e milho. Esse tipo de agricultura era chamada de coivara (derrubada e queimada) e persiste com sucesso até hoje no arco do desmatamento, na Amazônia Legal e em quase toda a área rural.

O certo é que a língua de fogo que se iniciou no bosque de eucaliptos pertencente à Cia Siderúrgica de Papel e Celulose se espalhou tão rapidamente que quando foi notado pelos vigias do parque e da própria fazenda já não havia mais tempo para tomar qualquer medida de proteção. E assim acontece tanto nas matas tropicais, como nos bosques de pinheiros que cercam as grandes mansões dos milionários de Hollywood.

Uma das poucas medidas protetivas adotadas são os aceiros, espécie de fossas cavadas no entorno das plantações de eucalipto e outras monoculturas e também de mata e lavouras. Esse cinturão tem a função de impedir que o fogo avance, mas nem sempre é suficiente para impedir que o incêndio se espalhe.

O eucalipto é uma espécie altamente inflamável originária da Austrália. Chegou ao Brasil em meados do Século XIX. Foi trazido para atender a demanda por dormentes para a construção da Estrada de Ferro.

— Tragam mais gente para a abafar o fogo nesse perímetro – disse o capataz Carlos Machado para um grupo de peões.

O capataz Carlos Machado, ou tio Carlitos, era o típico homem da roça. Vivia no mato desde cedo. Passou toda a sua vida longe das cidades, exercendo as mais diversas atividades na zona rural. Estabilizara-se já há algum tempo como administrador desse núcleo da grande fazenda de eucaliptos. Tinha muita experiência nas atividades mais duras do trabalho de campo, como essa de controlar e apagar o fogo.

Um homem rude, acostumado com a vida isolada, longe dos confortos urbanos. Como irmão mais velho da minha mãe, me acolheu com entusiasmo no seu mundo natural quando percebeu minha vocação precoce para ser um mateiro como ele.

E seu mundo era cheio de riscos e atribulações que eu compartilhava sempre que podia. Um tempo considerável de minha infância e adolescência transitei por fazendas administradas por ele, para onde ia em todas as férias e folgas. Já

estava até um pouco acostumado com situações como a que se passava ali, naquele pedaço de terra consumido pelo fogo.

Os brigadistas, recrutados entre a mão-de-obra da fazenda, se arriscavam muito para abafar um pedacinho de nada daquele braseiro. Um trabalho ingrato. Não eram raras intoxicações e queimaduras graves. Por isso mesmo o tio Carlitos não desgrudava do grupo na hora da ação. Ficava atento, presente, dando orientações e cuidando da turma. A qualquer momento, a qualquer descuido, o fogo podia mudar de direção com o vento e cercar os trabalhadores, isolando-os num cordão mortal.

A morte vem por intoxicação. Os pulmões se enchem de fumaça tóxica. Na maioria das vezes são as queimaduras a causa da morte, pois a vítima não consegue respirar e desmaia antes de ser carbonizada. Certa vez ele me mostrou umas fotos periciais de um trabalhador morto há tempos, num trabalho de rescaldo. Fiquei impressionado. A pele do morto descascara quase toda, desde o rosto desfigurado até o peito, exibindo a camada interna da epiderme. Apareciam alguns ossos mais pontudos da face e restavam poucos fiapos dos cabelos tostados do crânio. Os olhos pareciam ter sumido num buraco escuro, assim como o nariz descarnado e sanguinolento.

— As unhas derretem quando a temperatura chega a mais de duzentos graus. É a morte mais terrível que se pode imaginar, inclusive para os animais que são presos nessa arapuca – disse Tio Carlitos na época.

Fiquei muito impressionado com aquela imagem. Mais tarde, acompanhando de perto a rotina desses incêndios ao

longo dos anos, cheguei a ver carcaças destroçadas de bichos, como cervos, tamanduás, ouriços e capivaras. Era um espetáculo horrível. Passei a dar muito valor aos brigadistas que arriscavam suas vidas para salvar a floresta do fogo, muitas vezes inutilmente.

## II

### *A Reserva da Biosfera*

— Estamos em tempos difíceis. Os incêndios florestais pelo mundo são os maiores de todos os tempos na escala de emissões de CO<sub>2</sub>. Nunca foram registrados tantos focos de incêndios na Bacia Amazônica brasileira e no Pantanal – disse Ana Augusta.

Ana Augusta Siqueira, bióloga experiente e ativista ambiental, viera como líder de uma pequena equipe de monitores e consultores do Parque Estadual do Vale para ajudar na árdua tarefa de combater o fogo. Nesses momentos de sufoco consolidava-se uma certa camaradagem entre as equipes do Parque e da Fazenda Siderúrgica.

A vontade de estar próximo ao mundo natural uniu o meu destino ao de Ana Augusta nos anos seguintes. Ao longo dos anos, ela se tornou uma das minhas companheiras intelectuais mais assíduas no combate à destruição dos ecossistemas.

Naquele momento do desabafo havíamos nos afastado um pouco da ação de combate para beber um gole de água e fazer um balanço da situação. Apesar da camaradagem forçada diante do perigo comum, haviam fortes divergências sobre

*E-mail:* [appavone@terra.com.br](mailto:appavone@terra.com.br)

*Facebook:* [/paulo.pavone.54](https://www.facebook.com/paulo.pavone.54)



## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Sorts Mill Goudy  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2021.

---